



POLÍTICAS PÚBLICAS E IDENTIDADE DO IMIGRANTE

Mario de Souza Martins*

RESUMO

O texto discute sobre a falta de políticas de integração, para imigrantes, e de educação para seus filhos. O isolamento que gerou essa falta de políticas, criou uma população com imensas dificuldades de desenvolver o português e mais ainda, a língua materna de seus ancestrais. Para isso, as professoras de proveniência étnica ucraniana, exigiram, por um lado, o ensino de ucraniano, mas por outro, ensinam um português de péssima qualidade para seus alunos, pois é aquele falado por elas em seu cotidiano, o que se tornará um impedimento para a integração desses alunos às novas relações estabelecidas pela sociedade globalizada. O ensino de “Sociologia da Educação” se confronta com essa realidade, através das leituras de textos, onde um terço das palavras neles contidas são desconhecidas pelas/os alunas/os, que acrescidos ao poder da religião e da política impedem a formação de uma nova consciência.

ABSTRACT

This work examines the lack of integrative public policies towards the immigrant population, as well as educational and gender ones aimed for their descendants. The ethnical isolation generated a population with a kind of fragmentary identity, divided between a reality lived by them and a utopian one, transmitted by the first immigrants. Due to the fact that it is much influenced by the religiosity and the local Politics, this identity shows itself extremely conservative especially in relation to the women's role, which becomes a hinderer for the building of a social identity linked to the local society in which they live. This division can be viewed by several forms in their daily lives, mainly in the language they use, and it becomes an obstacle to the integration of this population to the globalized community.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhamos nesse artigo, com a falta de políticas públicas, desde o início do processo imigratório no sul do Brasil, no século XVIII e XIX, até os dias atuais, quando estrangeiros chegam com o objetivo de permanecer no Brasil, não são pensadas em formas de como inseri-los na sociedade, mas são simplesmente introduzidos em relações de trabalho, sem estabelecer ao mesmo tempo uma política de integração. O que vemos na atualidade é que existem muitos imigrantes que até a atualidade, mesmo sendo segunda ou terceira geração, que carregam consigo um nacionalismo arraigado às terras de sua origem. Isso gera um preconceito com relação ao que é chamado brasileiro, impedindo a sua integração à realidade vivida em seu cotidiano.

Isso irá acontecer também nas políticas educacionais, aliás, a sua inexistência

*Professor Doutor-Unicentro (Universidade Centro-Oeste do Paraná)-PR.

para regiões diferenciadas, como a que estudamos. Os professores todos provenientes da etnia ucraniana, encontram dificuldades para falar o português, pois tiveram uma socialização na família e esta tinha na língua de origem a sua base. A entrada para a escola para muitos significa o primeiro contato com a língua portuguesa, e para outros, o português falado por essa população inclui um número limitado de palavras, e muitas vezes os professores se comunicam com os alunos de sua etnia através do ucraniano. Por outro lado, esses mesmos professores exigem aulas da língua de sua etnia, o que lhes é permitido. Então, se o português se torna uma língua recorrente, o ucraniano originário das populações imigrantes, encontra-se defasado com relação a atualidade, apesar da chegada de alguns religiosos e religiosas, haja vista ser a religião um elemento de forte apelo na região.

A permanência da língua de origem é uma forma dessa população manter um sentimento nacional de forma exacerbada, incentivada pelos seus antepassados, pois as novas gerações não tiveram contato direto com o país por eles venerado. Os professores, ao exigirem o ensino de ucraniano, esquecem que eles próprios propiciam aos alunos um sofrível conhecimento da língua portuguesa. Num período de globalização, em que a comunicação é um elemento fundamental dentro da sociedade, a criança nem é bem preparada na língua do país em que vive, nem na língua do país de origem. Daí a necessidade de se pensar em políticas públicas na educação que venham atender a necessidade dessa população.

2 IDENTIDADE E A IMIGRAÇÃO

O tema identidade é bastante complexo devido a quantidade de elementos que devem ser considerados para a sua compreensão. Afinal, o que é mesmo identidade? Conforme Hall (2001, 58), o conceito está relacionado a “pertencimento”, ou seja, a algo pelo qual nos sentimos próximos, e isso já significa uma série de “coisas” que nos rodeia no cotidiano. Mas se o termo identidade está relacionado aquilo que encontramos na prática social, é porque existem mecanismos ideológicos que alertam o indivíduo para tais elementos.

Daí afirmar Hall que a identidade tem um caráter inconsciente. Segundo o autor, o indivíduo não encontra a sua identidade pronta ao nascer, mas ela vai se construindo com o seu próprio desenvolvimento por intermédio de processos inconscientes. Mas a identidade produto da inconsciência do indivíduo passará ao longo da vida de cada um por transformações, pois por ser uma construção social, está em permanente processo de transformação.

A nossa questão é se nesse período, em algum momento a identidade torna-se

uma escolha do indivíduo ou será sempre inconsciente. Será que a partir da fase adulta o indivíduo estará apto a realizar uma escolha daquilo que ele considera como parte de sua identidade? Então, teríamos que esclarecer primeiramente, sobre como se dá essa relação entre a prática social e a formação dos referenciais de identidade na consciência do indivíduo. Será inconsciente como coloca Hall ou é temporalmente inconsciente? Será a identidade componente do complexo ideológico do indivíduo? Se a mídia e demais aparelhos ideológicos, como escola, religião, etc..., vão contribuir na produção da identidade dos indivíduos, pois fazem parte da prática social do indivíduo, então podemos concluir que a identidade faz parte do seu complexo ideológico. E como componente ideológico pode-se refletir sobre ele ou não dependendo da história de vida de cada um.

Há, segundo Hall, no pós-modernismo uma mudança estrutural que está provocando um deslocamento da identidade. Se antes o indivíduo tinha identidades sólidas, baseadas nas tradições e vinculadas as classes, etnia, sexualidade e nacionalidade, hoje elas se encontram fragmentadas.

“As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições do sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos”. (2001, p. 16)

Laclau (LACLAU apud HALL, 2001 pág. 16), por exemplo, também denomina deslocamento, na medida em que um centro (identidade) é deslocado não para um outro centro, mas uma pluralidade de centros de poder. Essas diferenças é que irão produzir uma fragmentação na identidade, ou seja, ele estará ligado a diferentes grupos e cada um deles com reivindicações próprias. O que faz com que a identidade do homem pós-moderno esteja em permanente movimento e que dependendo do grupo em que ele se encontra naquele momento, será portador de uma identidade para que tenha um sentido de pertencimento.

Será que podemos ser pessoas diferentes com interesses outros dependendo do espaço em que nos encontramos? Será que não há um inter-relacionamento entre os grupos em que nos movimentamos e não necessariamente temos que assumir diferentes identidades? Será que não se pode mais pensar o indivíduo hoje como um todo? Ou desse todo fazem parte diversas elementos, que compõe o todo?

Autores como Harvey (HARVEY apud HALL, 2001, pág. 69), alerta para um rompimento definitivo com o antigo, gerando um movimento permanente de rompimentos e fragmentações jamais vividas pelo social anteriormente. Enfim, Giddens (GIDDENS apud HALL, 2001, pág. 68) contrasta as sociedades modernas das tradicionais pelas mudanças “constante, rápida e permanente”. Isso se deve, segundo o autor, principalmente ao processo de globalização. É o que o autor chama de “desalojamento do sistema social”, em

que são extraídas as relações sociais de seus contextos locais de interação e então, reestruturadas em escalas indefinidas de espaço-tempo.

É exatamente o processo de globalização que provoca uma tensão com o local, que hoje se torna extremamente difícil estabelecer quais são efetivamente os elementos que fazem parte da identidade local, ou se foi imposta por outra que faz parte de uma cultura dominante global. Assim, podemos exemplificar, diversas intrusões de culturas dominantes na cultura brasileira, desde a comida até a música passando pelo vestir. Assim, Hall (2001, p.75) afirma, como Giddens (GIDDENS apud HALL, 2001, pág. 68), que a globalização irá influenciar os desligamentos no tempo e lugar, na elaboração da identidade.

E como coloca Hall (2001, p 75), “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente””.

Apesar de considerarmos que nem todos têm acesso a essas atividades relacionadas pelo autor, mas hoje, com as facilidades propiciadas pelo desenvolvimento tecnológico, não se pode negar que se torna cada vez mais difícil, estar isolado das influências de identidades de outras nações, ou mesmo influenciar outras identidades.

3 IMIGRAÇÃO E RELIGIÃO

A região é composta por imigrantes de diversos países da Europa, mas a maioria é composta por alemães, poloneses, italianos e ucranianos, nos deteremos basicamente com os ucranianos, que possuem uma presença massiva nas turmas que trabalhamos uma vez por semana. Nossa questão verificar qual o elemento tão contundente que forma a consciência da acadêmica que os impede de introjetar outras visões de mundo.

A preocupação se deve a que o curso de sociologia exige um grande esforço, pois as acadêmicas possuem normas e valores tão estabelecidos em sua consciência, o que provoca uma luta consigo próprios e muitas vezes reagem de forma extremamente resistentes a mudança¹, isso se reflete principalmente em função do domínio na região de um pensamento religioso tradicional, que rege as relações na sociedade local. Deve-se considerar que a vinda dos ucranianos para o Brasil é bastante traumática, tanto em seus

¹Isto pode ser encontrado em Horbatiuk. P. (1983), que afirma as dificuldades com as mudanças sociais e por isso são dominados por um conservadorismo muito forte.

países de origem quanto na chegada na terra escolhida para ganhar a sua sobrevivência².

Na Ucrânia, a população vinda para o Brasil estava por um lado, sob o domínio polonês-austriaco e russo, era considerada dependente dessa proteção, e de outro, que a população proveniente dessa região na Europa, era a ela alegada a inferioridade racial ucraniana³. No Brasil, os imigrantes irão encontrar também uma série de dificuldades, pois na Europa lhes era prometido terras e boas condições de sobrevivência, o que não ocorria na realidade, quando chegavam no país adotado, estas não eram cumpridas conforme lhes fora prometido.

Ainda para Horbatiuk, as condições da população ucraniana em suas origens, eram de completa humilhação, pois havia superpopulação nas aldeias, logo além de haver desemprego, eram explorados pelos latifundiários e hostis ao tzarismo dominante na Rússia. Imperava entre eles o alcoolismo, e a orientação conservadora do governo de Viena para com a chamada Galícia que transformava a região de maior atraso e estagnação da Europa.

Estas vivências irão contribuir para que se isolem da sociedade, inicialmente para manter a cultura, normas e valores trazidos para a terra brasileira, mas aliaríamos a isso a falta de um planejamento por parte do governo brasileiro, que ao trazer para o Brasil populações de diversas origens, sem apresentar políticas públicas de integração ao novo ambiente sócio-cultural, já traçou o quadro em que se desenvolveriam as relações sociais: isolamento e separação. Havia um convite do governo brasileiro nas sociedades européias incentivando a vinda de imigrantes para o Brasil, com a finalidade de habitar a nação americana, logo após ter se dado a abolição da escravatura.

Para se protegerem então, de uma realidade inicialmente adversa, a saída escolhida pelos imigrantes foi criar uma sociedade de acordo com aquela que eles conheciam, sem aproximação com as populações locais, que já habitavam a região. Mas mesmo estando em seu grupo social, os imigrantes estavam permanentemente confrontados com o outro, com o brasileiro. No mínimo, precisavam contatar os brasileiros, pelo menos na comercialização de seus produtos, dando-se então, o contato com o outro, o qual não conhecia e não queria conhecer, queria simplesmente se manter em seu círculo étnico. Em uma das cidades da região há uma tentativa da população dominante local em manter determinados serviços nas mãos dos ucranianos, não é possível manter um controle sobre todos os serviços, mas alguns são considerados fundamentais como, por exemplo, os membros da igreja, são quase que em sua maioria compostos por descendentes

²Verificamos que a região exige que novos trabalhos sobre a sociedade local sejam elaborados, pois a questão da imigração nos trabalhos existentes, apresenta um envolvimento emocional com o tema, resultando em trabalhos maniqueístas, o que impede uma análise realmente científica da localidade. Daí aparecerem os imigrantes na maioria dos trabalhos como heróis e desbravadores do primitivo, que conseguiram superar as adversidades. Essa visão custou a morte de milhares de indígenas que habitavam a região.

³Horbatiuk. P.

ucranianos, inclusive os membros das ordens religiosas femininas.

Isso irá servir à classe dominante local, que não precisava se preocupar com os recém chegados e que ao serem estabelecidos em terras da localidade, à eles cabia simplesmente o trabalho. Devemos considerar que estávamos saindo de uma sociedade dominada pela escravidão (apesar de que o período da vinda dos imigrantes foi longo), e a força de trabalho europeia deveria se tornar assalariada ou pequena proprietária. Segundo Horbatiuk, muitos dos grupos étnicos que para aqui vierem foram submetidos a relações quase escravocratas.

Mas não podemos perder de vista que a chegada dos imigrantes, é como europeus, e o papel que eles terão na sociedade será de acordo com a sua proveniência geográfica, que representa(va) poder, e não sua proveniência social, no caso de esta última ser o parâmetro, naturalmente que as relações com a sociedade local se daria de forma igualitária. Além do mais, deve-se considerar ainda que na Europa reina(va) o pensamento positivista, que se por um lado, colocava as populações encontradas na América em inferioridade aos europeus, por não terem alcançado, segundo eles, o mesmo nível de desenvolvimento da civilização europeia e por isso se encontravam em uma posição de atraso, principalmente com relação a tecnologia por eles usada. Isso pode ser confirmado por intermédio de afirmações de Horbatiuk, para quem os imigrantes mesmo vindo de regiões extremamente atrasadas, se achavam como europeus superiores às populações encontradas no Brasil⁴.

Devemos acrescentar que essa visão europeia de inferioridade étnica dos grupos existentes no Brasil foi dominante entre todos os imigrantes europeus, seja de origem polonesa, ucraniana, italiana, alemães ou outras, por tratar-se da visão dominante na Europa. Deve-se considerar ainda que muitas etnias vindas para o Brasil tinham problemas históricos não resolvidos entre elas, haja vista, a ucraniana com a polonesa e esta com a alemã. Elas traziam consigo, de sua origem, estas questões que vieram contribuir ainda mais para o seu isolamento étnico.

A religião se transformou num elemento fundamental da identidade ucraniana. E até hoje é ela que aglutina a população local. O pensamento religioso existente entre a população não permite questionamentos sobre os valores religiosos, transmitindo normas que devem ser obedecidas, mas ameaçadoramente serão castigadas no caso de que sejam desrespeitadas. Questionando algumas colocações dos acadêmicos/as com relação à religião, uma delas comentou que pensar, já até pensou em questionar determinados valores religiosos, mas ela é dominada pelo medo de que o questionamento resulte num castigo, o que mostra que a religião mantém seus membros dominados através de

⁴Aqui considerados negros e índios. Os negros não desceram tanto para o sul, mas os índios foram dizimados, não só na região sul, mas também e muito lá.

ameaças, diante disso é que lhes é proibido desenvolver um pensamento além daquilo que a sociedade lhes permite.

As escolas, mesmo nas públicas, iniciam o dia rezando sem o menor respeito por crianças de outra confissão. Isto naturalmente não deveria acontecer numa escola pública do Estado ou Município, pois por ser financiada por órgãos públicos é considerada leiga e, portanto, pertence a toda a comunidade, mas no geral, são tomadas pelo poder da religião na localidade e por isso obrigam as crianças a rezar diariamente.

Conforme informações obtidas com membros da sociedade local, é a religião que contribui para que o racismo com relação às outras etnias se materialize. E a Igreja tem o poder de transmitir o pensamento preconceituoso e discriminatório que vai justificar as relações que se estabelecem na sociedade local, tanto que uma das acadêmicas afirmou que um padre descendente de ucranianos ao batizar uma criança proveniente de outra etnia, disse: “não sei para que batizar um “bugrezinho” como esse”. Uma acadêmica freira era extremamente preconceituosa principalmente contra os pobres, que são negros ou descendentes de indígenas, para ela pobre não administra bem o dinheiro por isso passam fome, compram somente aquilo que ela acha tratar-se de besteira.

Por outro lado, esse silêncio com que as pessoas se relacionam serve a classe dominante local, entre as quais se encontram também ucranianos, mas que oprimem o outro para manter o poder social. Numa cidade pequena a vida é bastante difícil, pois todos se conhecem e sabem quem apoiou quem nas eleições e a vingança está na ordem do dia. As relações entre os membros da localidade não se dão a nível profissional, pela capacidade que cada um possui de realizar alguma atividade em que é formado, mas sim a nível pessoal, ao personalizar as relações, aos membros da comunidade está sendo impedido de que se manifeste democraticamente, como já vimos no caso da religião, em que os fiéis extrapolam os valores aprendidos na religião, para relações com todo tipo autoridade social. As acadêmicas não se manifestam, pois se elas aborrecerem alguém da Secretaria da Educação, elas são enviadas para lugares distantes, como forma de punição, e aí quando das eleições, são obrigadas a participar dos comícios dos prefeitos, caso não compareçam, devem contar com alguma punição.

A religião é então o elemento que vai mediar as relações entre o imigrante e a formação da sua consciência. E o que se percebe é que tanto a religião, como a política usa o medo como forma de aterrorizar a população e impedir o crescimento pessoal de cada indivíduo e impedir que se exponha ao jogo democrático. Se a acadêmica coloca o medo que possui de questionar qualquer colocação feita pelos religiosos, da mesma forma ela tem medo de votar em candidatos com poucas chances, senão resta a ela, durante o mandato daquele político, a exclusão. O pensamento é então uma construção social, e encontra seus limites no que é imposto pela sociedade e contribui na elaboração da identidade do

indivíduo, sendo portanto, imposta ao indivíduo. A religião e a política servem de parâmetro daquilo que se deve ou não pensar e praticar.

4 CONCLUSÃO

O que se percebe é que precisamos de alguns anos, até que a democracia se estabeleça em nossa sociedade. Precisamos de políticas públicas de educação que atendam as diferenças regionais, isso significa mais investimento em formação de professores, principalmente no interior, onde os alunos necessitam também de boa formação, e mais importante, que essa formação contribua para que os professores possam superar o senso comum que domina suas consciências, tornando sua prática cotidiana sem preconceitos e racismo. A identidade assumida pela população local é fragmentada entre brasileiro e o ucraniano, mas este tem uma predominância maior entre seus membros. E como é uma cidade pequena, as mudanças ocorrem lentamente, disso se serve o poder local. Essa fragmentação não corresponde ao que Hall afirma como os diversos interesses dos indivíduos colocados socialmente, mas serve ao poder local para manter a população sob o seu domínio. Na região estudada é a religião e a política que exercem uma pressão na comunidade, usando o discurso étnico, para impedir o desenvolvimento de uma consciência, conforme afirma Gramsci, dominada pelo bom senso.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, F. (org.) **Marx/Engels: história**. São Paulo: Ática, 1983.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HORBATIUK, P. **Imigração ucraniana no Paraná: a colônia ucraniana de Mallet**. Porto Alegre: Uniporto, 1989.
- KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- POUTOGNAT, P.; STREIFF_FENART, J. **Teorias de etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.
- SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed., Rio de Janeiro / Petrópolis: Vozes, 2004.